



PROPRIEDADE INTELECTUAL ENSAIO SOBRE O PERCURSO DE UMA PESQUISA

Júlia Souza Cabo
(PPGH/UFF – Doutorado)

| INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES |
|---|
| <p>Júlia Souza Cabo possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (2011) e mestrado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Atua principalmente nos seguintes temas: cultura marginal, Brasil, cinema, Século XX e história do Brasil. E-mail: lisavieta@gmail.com</p> |

| RESUMO | ABSTRACT |
|--|---|
| <p>O presente ensaio debruça-se sobre o processo de pesquisa da obra literária de Torquato Neto, abordando tanto questões do cotidiano da autora como questões teóricas que guiam a relação estabelecida com o objeto de pesquisa. Ao longo do ensaio, os mundos da pesquisa acadêmica e do mundo do trabalho de tradução patentes se cruzam, delineando o campo de possibilidades da escrita e do desenvolvimento de uma tese de doutorado. A partir deste cruzamento, busca-se encontrar uma metodologia que possibilite abordar a obra de um autor que nunca publicou nenhum livro em vida e cuja inserção dentro do campo da literatura de se deu anos após a sua morte. Assim, explora-se como a ideia de incompletude e fracasso podem ser utilizadas dentro de um campo conceitual, ao mesmo tempo em que questões relacionadas à autobiografia, ao percurso de realização de uma pesquisa e à relação que um pesquisador estabelece com seu objeto de pesquisa são examinadas.</p> | <p>The current essay dwells on Torquato Neto's literary work research process, addressing issues concerning the author's daily life as well as the theoretical inquiries that guide the relationship established with the research object. Throughout the essay, the fields of academic research and the work of translating patent applications cross, establishing the field of possibilities of writing and development of a PhD thesis. From this crossing, it tries to find a methodology that makes it possible to address the work of an author who never published a book during his lifetime and whose inclusion within the literary field happened after his death. Thus, this essay explores how the idea of incompleteness and failure may be used in a conceptual field at the same time that examines issues concerning autobiography, the path of conducting a research and the relationship a researcher establishes with its object.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE | KEY-WORDS |
|---|--|
| <p>Torquato Neto; Literatura brasileira; Poesia brasileira; Pesquisa Acadêmica.</p> | <p>Torquato Neto; Brazilian literature; Brazilian poetry; Academic research.</p> |

1 RELATÓRIO DESCRITIVO

Torquato Neto morreu no ano de 1972 sem deixar nenhum livro publicado. Isso é algo que frequentemente se esquece. Ao longo da minha pesquisa sobre a obra do Torquato Neto notei que existem diversos fatos sobre a obra do Torquato que são esquecidos ou, em outras palavras, propositadamente ignorados. Acho que se eu tivesse que, em poucas palavras, definir sobre o que é a minha pesquisa seria isso: o que se esquece ou se ignora ao falar sobre Torquato Neto.

Em uma seção de terapia, lá por volta do final de 2011 ou início de 2012, ao falar sobre um envolvimento amoroso da época, disse para minha terapeuta que eu estava fazendo um esforço em não criar uma narrativa sobre essa experiência. Ela respondeu que tudo bem, mas que eventualmente eu teria que fazê-lo. Se me for pedido para falar sobre meu envolvimento com a obra de Torquato Neto, acho que eu poderia dizer exatamente a mesma coisa, que prefiro não criar uma narrativa sobre isso. Infelizmente, é exatamente isso que estou tentando fazer agora.

Acho que o problema é que uma narrativa, na minha cabeça, implica em início, meio e fim - embora, claro, eu saiba que isso não é estritamente necessário desde meados do século XX. Mas, veja bem, o problema aqui não é o início nem o meio, mas ideia de que mesmo que eu faça uma narrativa incompleta, que deixe o final em aberto, esse fim vai se fazer vislumbrar de alguma forma, vai se esgueirar sem que eu perceba, vai aparecer nem que seja como uma expectativa de fim. E todo mundo sabe o que acontece quando você cria expectativas.

Admito também um certo medo frente a possibilidade de críticos menos benevolentes lerem esta tentativa de narrar a forma como a obra de Torquato Neto se entremeou em meu cotidiano como um exercício em autoindulgência. Afinal, como já nos alertou Michel De Certeau:

se a manifestação das liberdades do leitor através do texto é tolerada entre funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atrever a fazê-lo), ela é, ao contrário, proibida aos alunos (simplesmente ou habilmente reduzidos à escuderia do sentido 'recebido' pelos mestres) ou ao público [...] (DE CERTEAU, 2017)

No entanto, se é inegável que aqui estão colocadas questões acerca da autobiografia e das operações críticas e linguísticas que dessa possam derivar, acredito que o núcleo central deste ensaio é a forma como diferentes ações cotidianas - tais como realizar uma pesquisa e trabalhar num escritório - podem encontrar um espaço em comum através da escrita. E, francamente, em uma situação na qual cada vez menos

peças terão a possibilidade de se dedicarem integralmente aos seus cursos de pós-graduação, acredito na validade de minhas indagações. Mesmo que destas não saia resposta alguma.

Minha orientadora diz que sou muito derrotista, que se ela deixar, qualquer mero relatório vira um muro de lamentações. Ela provavelmente está certa.

Eu poderia narrar alguns inícios:

1) Descobri a existência do poeta Torquato Neto enquanto fuçava na estante do meu pai, onde encontrei uma cópia de *Últimos dias de Paupéria*, quando estava no Ensino Médio. Há algo que nunca é mencionado sobre esse livro, mas ele é praticamente impossível de entender. Não os poemas ou escritos individualmente, mas a estrutura do livro em si. Quando você, um leitor desavisado, pega uma cópia dos *Últimos dias de Paupéria* (e estou falando aqui da edição de 1982) você se depara com um monte de colunas de jornal, fragmentos de diários, poemas, letras de música e outros escritos sem nenhuma ordem explícita e nenhum mapa, índice ou introdução para te explicar o que é tudo aquilo. É confuso e, embora eu tenha passado alguns dias lendo pedaços aleatórios do livro, não entendi exatamente o que aquilo era. Anos depois, ao ler as resenhas publicadas no *Jornal do Brasil* quando foi lançada a primeira edição, descobri que essa foi uma reação compartilhada por muitos ao entrarem em contato com a obra pela primeira vez. Luiz Gleizer escreveu que “em nada justifica o não-nexo da edição organizada por Waly Sailormoon. Ao dividir o livro em sete partes, ao que parece partindo do pressuposto que ao leitor é dado adivinhar os critérios utilizados pelo editor” (GLEIZER, 1974).

2) Minha monografia de graduação foi sobre o *Flor do Mal*, de 1971, um jornal alternativo (que chamava a si mesmo de subterrâneo) de apenas quatro edições organizado pelo Luís Carlos Maciel e rodado na gráfica do *Pasquim*. Para falar sobre esse jornal tive que tentar entender o que era, ou o que queria-se dizer quando se falava de cultura marginal nesse momento. Entre os materiais que consegui encontrar estava a revista *Arte e Cultura*, de 1983, que trazia toda uma edição dedicada à cultura marginal. Nessa edição eu encontrei, entre outros textos que foram importantes para mim, uma seção dedicada ao Torquato Neto. Acho que foi aí que eu realmente me apaixonei pela escrita do Torquato.

3) Enquanto estudava o periódico *Flor do Mal* descobri que a capa da primeira edição trazia uma foto que, segundo o editorial do próprio jornal, foi encontrada no lixo da redação de um grande periódico por um amigo. Esse amigo era o Torquato Neto. Para tentar entender um pouco mais sobre o *Flor do Mal* eu comprei os dois volumes da obra reunida de Torquato Neto organizados por Paulo Pires e li todas as colunas da *Geléia*

Geral que haviam sido publicadas nessa compilação, procurando referências ao *Flor do Mal*. Ao longo dessa leitura, fui criando gosto pela forma como o Torquato escrevia.

Provavelmente estou esquecendo ainda outros.

Eu trabalho com propriedade intelectual. Mais especificamente, trabalho no departamento de tradução de um escritório de advocacia que lida com propriedade intelectual, o que significa, basicamente, que traduzo patentes. A maioria das patentes que traduzo são relacionadas à indústria petrolífera, indústria farmacêutica e aeronáutica.

Patentes seguem um esquema bastante rígido, com um tipo de linguagem absolutamente único. Assim que comecei a exercer essa função, essa linguagem me parecia indecifrável, algo tão alienígena que a conexão entre significante e significado me escapava. Eu não posso exatamente dizer que hoje em dia entendo o conteúdo exato das patentes que traduzo, mas, de certa forma, me acostumei. O que às vezes me perturba é que sinto que esse linguajar tem se infiltrado na forma como falo e escrevo.

Portanto, peço um pouco de atenção enquanto explico um pouco sobre como se faz a tradução de um pedido de patente, pois isso será importante mais para frente.

Uma patente contém as seguintes partes: título, relatório descritivo, reivindicações, figuras e resumo. As reivindicações são a parte mais importante de uma patente e devem ser traduzidas com todo cuidado. As regras básicas para a tradução das reivindicações são as seguintes: 1) não use artigos no início de cada reivindicação 2) *wherein* deve ser traduzido como caracterizado/a pelo fato de 3) *comprising* deve ser traduzido como caracterizado/a pelo fato de compreender 4) cada reivindicação, obrigatoriamente, deve conter uma e apenas uma expressão “caracterizado/a pelo fato de...”. Na dúvida, coloque no início.

O projeto que apresentei na seleção de doutorado não era sobre o Torquato e foi logo descartado porque, para ser bem sincera, ele nunca me deu tesão. Eu o escrevi porque, naquele momento, achei que com este poderia mais facilmente convencer uma banca de que eu merecia estar em um programa de pós-graduação em História. No entanto, logo após o meu ingresso no programa, ainda no primeiro semestre, me dei conta que passar quatro anos da minha vida estudando um tema no qual não estou investida emocionalmente seria uma experiência um tanto desagradável. Foi aí que decidi voltar pro Torquato.

Eu não resolvi fazer a minha pesquisa de doutorado sobre a obra de Torquato Neto porque tinha uma hipótese clara ou uma questão específica. Talvez a palavra certa seja incômodo.

Esse incômodo surgiu enquanto eu trabalhava na minha dissertação de mestrado

sobre o filme *O Terror da Vermelha*, um filme dirigido por Torquato em junho do ano de 1972.

O que acontece é que uma parte considerável da obra de Torquato Neto possui a desconcertante característica de se apresentar como a evidência de um intenso trabalho criativo que jamais tomou uma forma definitiva ou acabada. No caso do *O Terror da Vermelha*, ele é caracterizado pelo fato de ser inacabado, uma vez que após as filmagens do material que compõe o filme na cidade de Teresina, Torquato voltou para o Rio de Janeiro, onde veio a se matar cinco meses depois sem nunca ter visto o filme montado.

Assim, a edição, montagem, escolha de trilha sonora e finalização do filme ficaram por conta de Carlos Galvão, um jovem de Teresina que havia participado do filme enquanto ator e que o finalizou em 1973. Décadas depois, no início dos anos 2000, a viúva de Torquato fez uma nova montagem a partir deste mesmo material, mas que possui uma trilha sonora completamente diferente.

Ao longo do mestrado notei que é prática recorrente ignorar o fato de que Torquato nunca o finalizou, atribuindo a totalidade de autoria a ele e desconsiderando os caminhos percorridos pelo material que Torquato filmou até este tomar uma forma pronta. E mais, o fato de que o filme possui duas montagens diferentes é frequentemente ignorado.

Por causa disso, resolvi propor uma nova abordagem que buscasse compreender o filme a partir da ideia de incompletude, levando em consideração os processos históricos que permitiram ao pesquisador nos dias de hoje ter acesso a este.

Se parece estranho, é porque é. Imagine a minha surpresa quando, após ler diversos livros e artigos sobre a relação entre Cinema e História, tive que admitir que nada do que eu tinha lido realmente me ajudava a abordar um filme que nunca havia sido terminado por aquele a quem se atribui a autoria, nunca foi exibido em nenhum circuito em sua época (com exceção de pequenas exposições realizadas por jovens em Teresina em suas garagens) e que, além de tudo, possuía mais de uma montagem e mais de uma trilha sonora.

Na verdade, acho que eu poderia dizer que, acima de tudo, a minha dissertação é sobre esse impasse, é uma narrativa sobre as formas como tentei me acercar desse objeto.

O incômodo do qual falo, portanto, provém do fato de que nunca li um estudo sobre os escritos de Torquato Neto que realmente levasse em consideração o fato de que Torquato nunca publicou nenhum livro em vida, de que sua obra é marcada por essa incompletude. Como escrevi anteriormente, me incomoda aquilo que se escolhe esquecer acerca deste autor e sua obra.

O número de publicações e produções acadêmicas sobre Torquato Neto e sua obra

cresceu enormemente nas últimas décadas. No entanto, acredito que há uma lacuna ainda a ser preenchida que diz respeito a uma crítica aprofundada das fontes. E se é verdade que historiadores talvez não sejam os “funcionários autorizados”, para usar a expressão do De Certeau (2017), mais bem capacitados para lidar com textos literários, no que diz respeito à crítica de fontes acredito que nosso campo tem muito a contribuir.

O que acontece é que se proliferam trabalhos que, a despeito de qualidade das análises, parecem desconsiderar o suporte original no qual os escritos de Torquato foram publicados. Isto é especialmente verdade quando se está falando de textos provenientes da coluna *Geléia Geral*.

Grande parte dos poemas de Torquato Neto sobre os quais pesquisadores se debruçam atualmente foram originalmente publicados nesta coluna. Isto pode parecer um pouco estranho, mas a *Geléia Geral* uma coluna com características bastante singulares.

Esta coluna foi um meio pelo qual Torquato Neto marcou sua posição em relação a diversos debates que circulavam nos meios artístico e intelectual nos anos de 1971 e 1972, inclusive foi nesta que Torquato defendeu a produção marginal no momento em que a rivalidade entre o cinema novo e o cinema marginal ocupava grande destaque nos debates intelectuais do período. A *Geléia Geral*, no entanto, estava longe de ser apenas um veículo de informações e de críticas. Torquato a utilizava para diversos fins, inclusive poéticos, o que faz com que entre uma coluna sobre a questão dos direitos autorais no Brasil e a publicação de um artigo de algum amigo seu, possa-se encontrar uma coluna cujo o único conteúdo é um de seus poemas ou mesmo uma coluna no formato de carta aforística para seu filho Thiago. E tudo isto de acordo com um estilo próprio, que foi caracterizado por Heloísa Buarque de Hollanda (HOLLANDA, 1983) como um desafio aos padrões jornalísticos, no qual Torquato produzia um jogo de prismas em que o fragmento, o inacabado e o material bruto conviviam com a fragilização da ideia de autoria.

Esta fragilização da ideia de autoria da qual Hollanda fala é o motivo pelo qual é comum, em trabalhos acadêmicos sobre Torquato Neto, citações atribuídas a ele que, na verdade, são citações de entrevistas e artigos de outras pessoas que Torquato publicou na *Geléia Geral*. Essa confusão é bastante compreensível quando se observa que ao selecionar textos de outras pessoas, Torquato frequentemente recorta aquilo que está em maior consonância com as suas próprias ideias.

De qualquer forma, se a intenção de um pesquisador é analisar um poema em seu contexto de produção histórica, é necessário levar em consideração se este havia sido escrito em um caderno de Torquato que foi guardado por seus herdeiros ou se foi escrito para ser veiculado em um jornal de grande circulação, como era o caso do jornal *Última Hora*, no qual Torquato escrevia sua coluna.

Além disso, muitas das colunas de Torquato Neto eram acompanhadas por fotos e possuíam um projeto gráfico específico, algo que se perde ao ler-se estas colunas tais como foram editadas em livro – este é o caso tanto da edição ampliada de *Últimos dias de Paupéria*, de 1982, quanto da compilação organizada por Paulo Roberto Pires em 2005.

Também notei que há uma tendência a descontextualizar-se diversas de suas colunas para que estas funcionem como evidências da tese que se está defendendo.

Em especial, a coluna “Marcha à revisão” publicada no dia 8 de outubro de 1971, é frequentemente vítima desta descontextualização. Esta coluna se apresenta como um momento no qual Torquato havia deixado de acreditar que a literatura poderia ser um *medium* relevante para o momento histórico que vivia, afirmando que “uma palavra é mais do que uma palavra, além de uma cilada.” (NETO, 2004: 261)

Para André Bueno esta coluna demonstra que Torquato, frente ao momento político de seu tempo, teria perdido completamente a esperança na possibilidade de qualquer ação no espaço público. Bueno, inclusive, compara Torquato com outros poetas que, ao contrário dele, não teriam sido sufocados pelo seu tempo e diz que “a resposta do artista de formação crítica, empenhado nos processos de transformação social, volta-se para respostas racionais aos contextos de crise” (BUENO, 2005: 186). Algo que Torquato teria falhado em realizar.

De forma similar, embora não tão incisiva, Paulo Andrade escreve que esta coluna é indício de que “O poeta, antes polêmico, possuidor de uma verve crítica na fase do tropicalismo [...] vai dando lugar a um ser fragilizado e desencantado com o mundo (ANDRADE, 2002:142).

Estas análises parecem não compreender a posição de Torquato no momento em que escreveu esta coluna, pois se é verdade que Torquato declara, mais de uma vez, que a linguagem escrita não mais lhe parecia um meio eficiente para seus objetivos, isto não significa que ele tivesse adotado uma posição derrotista. Na verdade, ele havia simplesmente decidido que era através de outro meio, o da imagem em movimento, que ele deveria trabalhar. Uma leitura das colunas que a precederam e sucederam poderia facilmente ter informado isto.

Assim, o que estou tentando fazer em minha pesquisa é uma abordagem da obra de Torquato que ressalte a forma como esta transposição de seus escritos de seus suportes originais para o formato livro afetou a leitura destes. Ou, como disse um amigo, crítica de fontes fritada.

Existe alguma continuidade entre a pesquisa que tento desenvolver para o doutorado e meu emprego como tradutora de patentes? Acredito que sim e não. A

princípio, essas duas atividades não são minimamente relacionadas e é exatamente isso que faz com que seja difícil realizar minha pesquisa. Por outro lado, como poderia não haver uma continuidade? Minha pesquisa e meu emprego são realizados pela mesma pessoa e uma atividade informa o campo de possibilidades da outra.

Se eu me sinto dividida, se eu sinto que sou puxada para dois lados opostos por forças desiguais e de natureza diferentes é minha culpa ou é inevitável? Talvez seja uma questão de perspectiva, de encontrar a narrativa correta para fabricar um tecido coerente dos fios que formam meu cotidiano.

Foi no momento em que eu me sentia mais frustrada com a minha incapacidade de me acercar do *Terror da Vermelha* que eu descobri *A Preparação do Romance* de Roland Barthes, uma leitura que me fez vislumbrar uma nova forma de pensar meu objeto.

Resumidamente, posso dizer que este livro, de dois volumes, consiste nas anotações que Roland Barthes fez para um curso que ministrou durante dois semestres no Collège de France e que foi interrompido pela sua morte. Neste curso Barthes aborda a questão de como, na época em que viveu, um sujeito que tivesse vontade de escrever um romance, que pretendesse escrever um romance, poderia proceder. Deixando bem claro que o sujeito que pretendia escrever um romance era ele próprio, Barthes, e que o romance que poderia vir a ser escrito era o seu próprio romance. Como um exemplo, em determinado momento Barthes escreveu:

Será que farei *realmente* um Romance? Respondo apenas isso: agirei *como se* eu fosse fazer um → vou me instalar nesse *como se*. [...] b) *Como se*: a expressão do *Método* (certo modo de trabalho das matemáticas). Método = exploração metódica de uma hipótese; aqui, fique claro: uma hipótese, não de *explicação* (de interpretação) (meta-romance), mas de *produção*. c) Método = caminho (Greiner, Tao = Caminho. O Tao é, ao mesmo tempo, o caminho e o fim do percurso, o método e a realização. Mal tomamos o caminho, já o percorremos.) Tao: o importante é o caminho, o andar, não o que se encontra no fim → A busca da fantasia já é uma Narrativa" (BARTHES, 2005).

Essa leitura me fez pensar que a questão na qual eu deveria focar ao abordar *O Terror da Vermelha* é buscar como, na sua época, o sujeito Torquato, que tinha vontade de fazer um filme, que desejava fazer um filme, procedeu. Ou seja, qual o caminho que Torquato trilhou para a produção deste filme desejado, independentemente deste ter sido finalizado ou não.

Eu entendo perfeitamente a ânsia por compreender as montagens a quais se tem acesso hoje como sendo obras finalizadas por Torquato, uma vez que o pesquisador que se debruça sobre a obra de Torquato Neto sabe o quanto fazer cinema era importante para ele, o quanto ele quis fazer um filme e as dificuldades que encontrou. Daí, talvez, a

vontade e o desejo de poder afirmar que essas pretensões foram levadas até o final. No entanto, da mesma forma que não se pode dizer que *Os Últimos Dias de Paupéria* seria o livro que Torquato teria organizado se estivesse vivo, não se pode afirmar que o filme que vemos hoje sob o título de *O Terror da Vermelha* seria o filme que Torquato teria finalizado se estivesse vivo.

No entanto, entendi que isso, por mais frustrante que seja em alguns momentos, não é um defeito em si, só requer um olhar que compreenda que, assim como Roland Barthes escreveu, em muitos casos, a busca da fantasia já é a narrativa em si. Não à toa, no segundo volume de *A preparação do romance*, Barthes coloca como bibliografia para o seu curso uma série de livros que se configuram como “os escritos em que um autor confia seus planos, seus projetos, suas preocupações quanto à obra a ser feita: correspondência, diário íntimo” (BARTHES, 2005).

Da mesma forma, busquei compreender o *Terror da Vermelha* e todos os escritos de Torquato Neto que com ele se relacionam como uma grande narrativa que conta sobre seus projetos, suas preocupações em relação ao fazer cinematográfico e sua dinâmica e angustiante relação com a linguagem escrita. Isso tanto mais aparece como relevante ao se observar os variados modos com que Torquato escreveu sobre o seu desejo de fazer filmes, que vão desde cartas até poemas e anotações/ensaios.

Foi aí que eu cheguei à conclusão de que, para mim, só faria sentido abordar *O Terror da Vermelha* se eu encarasse este como um objeto expandido. O meu objeto, portanto, deixou de ser o filme e se tornou a narrativa do desejo de se criar imagens em movimento, na qual *O Terror da Vermelha* se configura como um momento especial desta.

Recentemente li a dissertação de Carlos Eduardo Sores sobre o fracasso nas artes. Achei curioso que no capítulo final Soares escreva que o fracasso trataria de expor “as brechas não contempladas pela realidade construída e que tomamos por absoluta e garantida” (SOARES, 2017). Curioso porque é basicamente a mesma afirmativa que Torquato Neto escreveu em sua coluna de 19 de outubro de 1971:

Não estamos do lado de fora e do lado de fora é a mesma transa: underground, subterrânea, etc. A realidade tem suas brechas, olhe por elas, fotografe, filme, curta dizendo isso. Tem sua beleza: a paisagem não sustenta o teu lirismo, pode mais do que ele, campa com ele e isso é bonito (NETO, 2004b).

Isso me fez pensar se não seria possível pensar a obra do Torquato a partir desta perspectiva do fracasso. Porque, veja bem, os últimos anos da vida Torquato foram marcados por diversos fracassos consecutivos. Queria fazer uma revista, não conseguiu. Queria fazer um filme, não terminou. Dizia aos amigos que queria organizar um livro,

nunca organizou.

Soares analisa na sua dissertação o processo através do qual obras de arte fracassadas acabam por se inserir no cânone artístico, tendo sua característica de fracasso apagadas pelo seu sucesso histórico. Não seria exatamente isto que aconteceu com a obra do Torquato? E mais, fico me perguntando se não seria possível falar sobre o fracasso como um elemento fundamental na produção de Torquato.

Não me sai da cabeça a frase em que Torquato diz que cinema é muito chato e que “o quente mesmo é filmar” (NETO, 2004b). Se o filme pronto, em si, é muito chato e o que lhe interessa é o processo de fazer esse filme, não seria possível falar em um fracasso intencional? Ou, posto de outra forma, talvez eu tenha que levar em consideração o desprezo pelo sucesso na obra de Torquato Neto.

Existe, afinal, alguma continuidade entre minha atividade como tradutora de patentes e a pesquisa que desenvolvo para o doutorado? Acredito que sim.

Não sei se eu teria retornado ao Torquato se não estivesse trabalhando neste escritório de advocacia. Pode parecer uma afirmação estranha, mas acredito que seja verdade. Se eu estivesse cursando o doutorado com bolsa, e de alguma forma sentisse que devo algo ao programa, talvez eu tivesse perseverado no projeto que apresentei para a seleção que, tenho de confessar, era uma proposta de pesquisa mais bem acabada, com maior probabilidade de render bom resultados e, acima de tudo, fornecer estes resultados dentro dos prazos.

Mas não foi isso que aconteceu. Eu ingressei no doutorado e resolvi seguir adiante com ele mesmo sem bolsa por um motivo simples: achei que ia enlouquecer se passasse mais um ano da minha vida apenas trabalhando para pagar as contas sem extrair nenhum tipo de prazer da atividade que exerço, para além do dinheiro na minha conta todo mês. Nessas circunstâncias, faria algum sentido eu pesquisar algo que no fundo não me move?

A obra do Torquato não para de crescer.

Não é curioso?

O último livro do qual tive notícia é uma coletânea do ano de 2017 e o organizador desta explica que o objetivo da coletânea é apresentar Torquato para novas gerações. Além desse, temos *Últimos Dias de Paupéria*, publicado pela primeira vez em 1973 e reeditado posteriormente em uma edição ampliada em 1982. Em 2005, Paulo Roberto Pires publicou uma obra reunida de Torquato Neto em dois volumes e, em 2012, foram publicados dois livros – *Juvenílias* e *O Fato e Coisa* – contendo poemas escritos por Torquato durante sua adolescência. Estes livros, no entanto, não estão atualmente

disponíveis para venda. Ao que parece houve uma discordância entre Ana Maria Duarte, a viúva de Torquato, e George Mendes, primo de Torquato e organizador destes livros. Em 2016 foi editado *Os Melhores Poemas de Torquato Neto*, organizado por Cláudio Portella e, em 2017, Ítalo Moriconi organizou uma compilação de escritos do Torquato Neto nomeada *Torquato Neto: Essencial*.

Eu tenho cada vez mais achado que existe uma conexão entre as publicações destes livros e a memória que se constrói sobre a literatura no período da ditadura militar. Isto, obviamente, não é surpreendente, mas ainda me foge como essa conexão se estabelece, embora eu tenha algumas ideias, dentre as quais está a atuação da Heloísa Buarque de Hollanda que incluiu poemas do Torquato na clássica antologia *26 poetas hoje* e que escreveu mais de uma vez sobre ele na sua coluna no *Jornal do Brasil*.

Muitas coisas me surpreenderam sobre o universo dos pedidos patentes. Antes de trabalhar com isto eu não fazia ideia do quanto empresas de automóveis investem em pesquisa sobre carros movidos por outros tipos de combustíveis -como energia solar- com o único objetivo de patentear essas pesquisas para que ninguém mais possa utilizá-las. Também me surpreendeu o quão específicas são algumas patentes. É quase como se dissessem: Descobriu uma coisa nova? Corre lá e patenteia antes que outra pessoa o faça! Mas, acima de tudo, me surpreendeu o quão comum é patentear-se métodos.

Eu já traduzi alguns pedidos de patentes cuja seção de reivindicações consistia basicamente em uma metodologia. É um formato curioso de se falar sobre um método e requer um certo treino compreendê-lo. Em parte, porque é extremamente preciso, e por isso repetitivo, e em parte porque quando uma reivindicação faz referência à outra – através do uso da frase *de acordo com a reivindicação X* você precisa fazer uma certa ginástica mental na qual se incorpora todo o conteúdo da reivindicação referenciada nesta nova.

Por outro lado, fico pensando que existe algo de quase relaxante em se ter um modelo tão claro e rígido para explicitar suas ideias, em se ter um formato que te obriga a moldar o seu pensamento e seu vocabulário a partir deste.

Desconfio que me tornei um pouco possessiva quando o assunto é a obra do Torquato Neto e eu não gosto disso. Eu tento não deixar isso se derramar para minha escrita, mas é difícil. Um dia eu li um conto - enquanto trabalhava como tutora de história num centro de atendimento à distância para alunos de um pré-vestibular - que dizia que se você quer fazer um monstro você deve pegar todas as partes suas que te causam desconforto, suas fraquezas, seus seus pensamentos ruins, vaidades, etc. e olhar para elas como a partir do outro lado de um cômodo. Escrever sobre meu processo, de alguma

forma, sempre me parece olhar para mim mesma desse outro lado.

Eu fui assistir o documentário sobre Torquato Neto no Festival do Rio e não gostei. Na verdade, eu já fui assistir esperando não gostar e me incomoda não saber se não gostei porque, no fundo, naquelas minhas partes monstruosas, eu acho que ninguém vai falar do Torquato tão bem quanto eu poderia, ou se realmente o filme é ruim. Talvez as duas coisas. Como ilustração, peço licença para transcrever um fragmento do meu diário pessoal no qual eu falo sobre o filme.

9/10/2017

O próprio título (Todos os dias do Fim) já me pareceu mau presságio e, de fato, a porra do filme abre com o suicídio do Torquato pra, logo depois, voltar pra infância dele e se construir de forma cronológica. A galera não aprende, né? Se o cara se matou então isso vai ser a pedra de toque pra se falar dele? Sério mesmo?

Você quer fazer um filme sobre o suicídio do cara? Beleza, mas vai FUNDO! Eles mal tocam no fato de que o Torquato era alcoólatra e deprimido. Ele fala muito sobre alcoolismo nos seus diários do hospício, mas no documentário a parada aparece apenas como uma nota de rodapé.

Pra mim o que mais me frustra nesse tipo de narrativa construída é que finge-se que o fim da vida do T.N não era feita de um fracasso após o outro. Por que ele não fez seu livro? Por que ele não terminou seu filme? Não era impossível, né? Waly lançou o Me Segura em 72 e o Bressane tava lá filmando loucamente. E eram amigos dele! Você quer fazer um filme sobre o suicídio do Torquato? Fale sobre isso. Sobre alcoolismo e frustração e depressão. Só não me empurre guela abaixo essa visão romântica do poeta maldito. É um desserviço à obra do T.N. O acervo de fotos é bom, no entanto. E alguns depoimentos são interessantes.

Eu sempre me sinto mentindo quando escrevo os objetivos da pesquisa em um projeto. Na realidade, acho que o objetivo da minha pesquisa é criar uma proposta de olhar. O que eu quero fazer, no final das contas, é propor uma forma de se observar a obra do Torquato que, embora esteja ciente dos caminhos e processos que a tornaram disponível para o público e que entenda como estes moldam a nossa compreensão daquilo que Torquato produziu, não seja aprisionada pelas diversas versões acabadas desta que circulam nas livrarias e sebos. Queria propor uma forma de olhar que incorpore a incompletude na análise e na experiência da leitura e que veja nesta, não uma falta, mas uma qualidade.

Mas isso não é algo que se escreva em um projeto para ser avaliado por uma banca.

Quando eu disse para minha orientadora que pretendia mudar de projeto de pesquisa ela me pediu que escrevesse algo como um projeto para enviá-la, de forma que ela pudesse ter uma ideia mais clara do que eu estava propondo. Não o fiz ainda e isso já

tem meses. Portanto, essas reivindicações são para ela.

2 REIVINDICAÇÕES

1- Obra literária de Torquato Neto, **caracterizada** pelo fato de que Torquato nunca publicou um livro em vida.

2- Obra literária de Torquato Neto, de acordo com a reivindicação 1, **caracterizada** pelo fato de que se apresenta como a evidência de um intenso trabalho criativo que jamais tomou uma forma definitiva ou acabada.

3 – Obra literária de Torquato Neto, de acordo com a reivindicação 1, **caracterizada** pelo fato de que abarca todos os escritos de Torquato Neto aos quais atualmente se tem acesso.

4- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender fazer um levantamento de todos os escritos de Torquato Neto que foram publicados durante a vida deste.

5- Método, de acordo com a reivindicação 4, **caracterizado** pelo fato de que fazer um levantamento dos escritos de Torquato Neto que foram publicados durante a vida deste compreende: analisar o suporte no qual estes foram veiculados e buscar entender qual era o público alvo destas publicações.

7- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender realizar um levantamento de todos os livros publicados cuja autoria é atribuída a Torquato Neto.

8- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender as seguintes etapas:

a) buscar mapear a lógica que guiou a publicação dos livros cuja autoria é atribuída a Torquato Neto; e

b) buscar compreender a lógica que guiou a seleção do material que foi incluído em cada um destes livros; e

c) pontuar as disputas entre os herdeiros de Torquato Neto e o guardião de seu

acervo e como estas interferem na publicação do material.

9- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender uma análise da crítica literária que escreveu sobre literatura da ditadura militar a partir do período de abertura.

10- Método, de acordo com a reivindicação 9, **caracterizado** pelo fato de compreender a observação e análise de discursos que se construíram acerca da produção literária do período da ditadura.

11- Método, de acordo com a reivindicação 9, **caracterizado** pelo fato de compreender buscar análises feitas sobre a obra de Torquato Neto.

12- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender a análise de publicações acadêmicas que trataram da obra de Torquato Neto.

13- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de compreender a análise das biografias escritas sobre Torquato Neto.

14- Método para abordar a obra literária de Torquato Neto, **caracterizado** pelo fato de buscar entender como aquilo que é alheio à esta obra informa e dá significado a esta.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo. **Torquato Neto: uma poética de estilhaços**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance**. v. 2. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005a.

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance**. v. 1. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005b.

BUENO, André. **Pássaro de fogo no terceiro mundo**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017. 22ª edição

GLEIZER, Luiz. **Torquato, "O faroesteiro da cidade verde"**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de março, 1974. Seção Livro, p.3

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Poetas rendem chefe de redação (II)**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 10, 12 de fev. 1983.

NETO, Torquato. **Os Últimos dias de Paupéria**. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda. 1982, 2ª edição.

NETO, Torquato. **Torquatália: Do lado de dentro**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2004a

NETO, Torquato. **Torquatália: Geléia Geral**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2004b

NETO, Torquato. **Torquato Neto: Essencial**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

NETO, Torquato. **Melhores Poemas de Torquato Neto**. São Paulo: Ed. Global, 2018.

SOARES, Carlos Eduardo. **Fraturas na realidade ou Apologia ao fracasso: Desvio ou negação da norma e suas poéticas**. 2017. 94 F. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.



Título em inglês:
**INTELLECTUAL PROPERTY:
ESSAY ON THE COURSE OF A RESEARCH**

INVENTARIO